

AS EXPEDIÇÕES

CAPITULO 1

DUNAS DE AREIA, PALMEIRAIS E FLORESTAS

Encontrar na Amazônia um lugar ainda inexplorado como exemplo prático para contestar o mito da floresta homogênea e sempre exuberante. Descobrir explicações para a altíssima biodiversidade amazônica. Identificar meios viáveis para inserir o desenvolvimento nesta paisagem desmistificadora, sem levar à destruição ambiental.

Estas três idéias nortearam a escolha do alto Demene, no estado brasileiro do Amazonas, para ali se realizar um modelo de zoneamento econômico-ecológico. Uma primeira expedição, exploratória, em dezembro-janeiro de 1991, levantou a suspeita de que a escolha era melhor do que a encomenda. Suspeita confirmada durante e após a segunda expedição, de levantamento de campo, em agosto de 1991.

A bacia do rio Demene é limitada pelas montanhas da fronteira Brasil-Venezuela, ao Norte; pelos campos lavrados da divisa Amazonas-Roraima, a Leste; pelo rio Negro, ao Sul e pela Serra do Aracá, a Oeste. Um quadrilátero perdido nos mapas, sobre o qual ninguém nunca lê nos livros ou jornais, e onde ainda não há conflitos capazes de interessar as TVs e a mídia internacional.

As populações ribeirinhas, presentes em quase todos os grandes afluentes secundários do rio Amazonas, só ocupam as margens do rio Demene junto à foz e somam apenas 31 famílias. No médio e alto Demene não existem casas, nem roças, nem malocas indígenas.

Apenas uma exceção e alguns vestígios de atividades sazonais quebram a ausência humana rio acima. A exceção é o posto indígena Ajuricaba, onde a Fundação Nacional do Índio, FUNAI, apoia algumas famílias ianomami, que ali buscam remédios e assistência, para depois se embrenharem novamente nas matas, seguindo sua tradição nômade.

Os vestígios de atividades sazonais ficam escondidos na vegetação das margens do rio: são abrigos de caça de uso comum, ou melhor, armações de madeira sem paredes ou telhado, que os caçadores ou extrativistas recobrem de palha para passar alguns dias, quando viajam.

As águas pretas são escuras porque "lavam" solos muito pobres, ácidos e arenosos, do qual retiram a matéria orgânica em decomposição. Essa matéria orgânica libera ácidos húmicos e a acidez inviabiliza os organismos da base da cadeia alimentar incluindo, para grande alívio dos viajantes, as larvas dos mosquitos. Com poucos nutrientes e sem os pequenos organismos, a cadeia alimentar é pobre, existem menos peixes e crustáceos, menos predadores...

Junto aos rios de águas pretas, portanto, existem menos habitantes. A ocupação é mais esparsa, limitada pela pobreza das terras agricultáveis e pela escassez natural de produtos florestais, fauna e pesca.

Já as águas brancas carregam grande quantidade de sedimentos, dos quais se alimentam os organismos da base da cadeia alimentar. Por isso abrigam mais peixes, mais mosquitos, mais fauna, mais gente e mais destruição ambiental.

No Demene, as águas mudam de cor no meio do caminho e reforçam a característica de transição de toda a bacia. Em seu alto curso, o rio é tido como de águas brancas e as nuvens de piuns (*) confirmam a classificação dos caboclos. No médio e baixo curso, após receber as águas negras dos igarapés Cuieiras, Tuiuiú,....., o Demene torna-se negro.

Todo esse emaranhado de características, fatores e surpresas fez do alto Demene um grande quebra-cabeças ecológico. Pacientes, os pesquisadores saíram em busca das peças de encaixe, às vezes escondidas na história geológica da região, às vezes camuflados pela dificuldade de acesso.

Alguns lugares a que os cientistas se aventuraram durante as expedições eram desconhecidos até mesmo dos guias contratados, gente da região, acostumada a empreender longas jornadas mata adentro para extrair os produtos da floresta, caçar e pescar.

Ao fascínio das estranhas paisagens, fauna e flora inesperadas e quase intactas, somaram-se evidências de que o adjetivo inexplorado poderia sumir rapidamente dos cenários do alto Demene.

A presença mais do que discreta de ribeirinhos ou índios confirmou logo na primeira expedição o baixo grau de modificações impostas pelo homem na bacia do Demene. Essa foi uma das razões para a escolha da área. Outra razão - a presença de vários sistemas ecológicos no lugar da floresta homogênea - dependia da análise das primeiras imagens de satélite, mapas e dados preliminares, feita em Campinas, SP.

A floresta tropical densa e úmida é típica da região Equatorial, com altos índices de chuvas. Mas, na bacia do Demene, em plena linha do Equador e debaixo de mm anuais de chuvas existem poucas florestas típicas. O Demene corta, antes, campos de altitude, campos de várzeas, campinas, savanas, dunas de areia, lavrados e palmeirais. Existem também igapós e outros tipos de floresta tropical úmida, embora menos exuberantes do que a mata amazônica cultivada pelo imaginário popular e internacional.

Além de atravessar tantas e tão diferentes paisagens, em seus 600 quilômetros de extensão, o Demene mantém o curso Norte-Sul. Das nascentes, a (latitude) até a foz, a (latitude), são ... graus de diferença na latitude, o que coloca o rio sob as influências dos diferentes climas e regimes de chuvas dos dois Hemisférios. Definitivamente, o Demene é marcado pela transição.

A transição se expressa claramente na fauna. De acordo com os mapas acadêmicos, as áreas de distribuição de várias espécies amazônicas se encontram no Demene. Explicando melhor: é comum as espécies semelhantes, do mesmo gênero, terem territórios demarcados, separados por obstáculos naturais, intransponíveis para tais espécies: montanhas, rios muito largos, manchas de vegetação descontínua, etc. Na Amazônia é até mesmo frequente existir uma espécie de arara numa margem de um rio e outra espécie do mesmo gênero, muito semelhante, do outro lado do rio. E isso acontece na bacia do Demene, onde, além do rio, a diversidade da vegetação e da paisagem contribui para a distribuição da fauna.

A transição está presente também nas águas. Em seu trajeto desde as nascentes, as águas do Demene mudam de cor. Na Amazônia, a cor das águas é muito significativa. Lá existem os rios de águas pretas e os rios de águas brancas. As águas pretas significam pobreza. As águas brancas, abundância. Em quase tudo, à exceção dos impactos ambientais.

O barco da expedição cruzou com garimpeiros subindo para a área indígena, guiados por um funcionário da FUNAI, em busca de ouro. Pescadores artesanais entrevistados anunciaram os primeiros lances de uma guerra contra os barcos geleiros, vindos de Manaus para depauperar os recursos pesqueiros da área. Madeireiros, outrora restritos às ilhas do rio Negro, também subiam o Demene atrás de novas reservas de madeira de lei. A economia extrativista baseada em produtos tradicionais, como a sorva, piaçava e seringa, já apresentava sinais de decadência, devido à substituição desses produtos por sintéticos ou cultivos comerciais, nos mercados nacional e internacional.

As ameaças de destruição ambiental, em resumo, parecem se aproximar dessa área todas ao mesmo tempo, por vias diversas. A região traduz, de um lado, a possibilidade de desviar o rumo das atividades humanas para um modelo de desenvolvimento sustentável e, de outro, a urgência de fazê-lo antes que ali se instale o "desenvolvimento" caótico, sem planejamento ou medidas de proteção ambiental.

NOTA DE RODAPE (*) piuns são pequenos mosquitos, cujas mordidas incham e coçam muito. São semelhantes aos borrachudos do Sul do Brasil.